

AS ARMAS AVANÇADAS DO IRÃ

PARTE 2: SANÇÕES AO IRÃ E SUA AUTOSSUFICIÊNCIA

Por Hamid Hajizadeh*



Homem lê notícias sobre as eleições dos EUA em 9 de novembro de 2020 em Teerã (Anadolu/Getty Images).

Não obstante as sanções aplicadas pelo Ocidente, o Irã investe em sua autossuficiência, mesmo contando com o apoio de aliados poderosos, como a China ou a Rússia.

“Ninguém coça minhas costas, exceto minhas unhas!”

Provérbio iraniano.

A implicação simples desse interessante provérbio é que ninguém nos beneficia tanto quanto nós mesmos. Os iranianos que acreditam nessa interpretação creem que as alianças no mundo da política são alianças estratégicas e utilitárias, e que nunca se pode confiar indefinidamente no apoio de qualquer aliado. Essa crença tem duas consequências diretas:

- Você confiará mais em suas próprias habilidades do que na ajuda de outros;
- Se o país que é seu aliado parar de cooperar por qualquer motivo, suas estratégias não serão interrompidas.

Os iranianos estão enfatizando o conhecimento indígena no campo da tecnologia de produção de armas militares com a mesma abordagem e, embora tenham assinado recentemente acordos de cooperação de 25 anos com a China e de 20 anos com a Rússia, não estão parados esperando pelos resultados dos acordos.

Embora o governo do Irã esteja tentando retratar seu novo relacionamento com esses dois aliados como “ganha-ganha” e tenha várias razões políticas para isso, uma parte significativa do povo e dos críticos do Irã e muitos analistas veem esses dois aliados mais como rivais do que como parceiros.

Eles têm a experiência do comportamento soviético em sua história. Além disso, com o conhecimento da estratégia da Rússia e da China nos últimos anos durante as sanções, eles acreditam que esses dois aliados tiram vantagens da situação atual no Irã:

- Vendem mais equipamentos militares, criando uma corrida armamentista na região;
- Compram mercadorias de exportação iranianas a preços baratos devido às sanções ao Irã e problemas de exportação;
- Vendem seus produtos para o Irã a preços exorbitantes devido às sanções e problemas de importação;
- Pagam as reivindicações do Irã com atraso devido às sanções e ao problema da transferência de dinheiro;
- E, finalmente, usam o Irã como trunfo na regulação de suas relações com o Ocidente, especialmente os Estados Unidos.

Essa visão levou os iranianos a se esforçar para dar passos maiores em direção à autossuficiência e fazer progressos significativos na indústria militar de forma independente. Os iranianos já haviam entendido que os russos, apesar de entregar quatro sistemas de defesa aérea S-300 à Síria, não permitiram que os sírios os usassem devido à conexão estratégica de Moscou com Tel Aviv; é claro que, no passado, os russos desligaram repetidamente os sistemas S-300 e S-400 baseados na Síria durante ataques da coalizão ocidental liderada pelos EUA na Síria.

Isso se dá apesar do fato de Israel ter atacado repetidamente as bases do Hezbollah e do Irã na Síria. Alguns dias atrás, o *Jerusalem Post* citou um alto funcionário de segurança israelense ao dizer que o exército israelense atacou dezenas de alvos do Hezbollah na Síria nos últimos três anos, interrompendo severamente as capacidades logísticas e operacionais do Hezbollah nas Colinas de Golã e no triângulo na fronteira com a Jordânia.

Anteriormente, Heshmatollah Falahatpisheh, ex-chefe da Comissão de Segurança Nacional e Política Externa do parlamento iraniano, havia criticado a Rússia em uma entrevista por desligar seu sistema S-300 durante ataques israelenses. Ele havia dito que, se o sistema russo S-300 funcionasse corretamente, Israel não seria capaz de realizar facilmente ataques contra a Síria. De acordo com a autoridade iraniana, provavelmente há uma “espécie de coordenação” entre os ataques israelenses e a defesa aérea russa baseada na Síria.

Além disso, os iranianos têm outra experiência desse aliado. Eles, que já haviam assinado um contrato com os russos para construir a usina nuclear de Bushehr e assinaram um contrato militar em 2007 para receber o sistema de defesa S-300, esperam há anos por essa compra. Isso levou o Irã a anunciar que havia

apresentado uma queixa legal contra a Rússia em um tribunal de Genebra. Os russos finalmente cumpriram sua promessa depois de oito anos, embora apenas após o acordo nuclear Irã-Occidente e a eliminação das ameaças militares contra o Irã. Isso acontecia quando os russos tentavam vender o sistema mais novo (S-400) para a Arábia Saudita, que é um rival regional do Irã e está em guerra com os houthis pró-iranianos no Iêmen.

É claro que a Arábia Saudita não fez a compra e, mais tarde, o chefe de cooperação internacional e política regional do grupo governamental russo Rostec revelou que a Arábia Saudita não estava mais considerando comprar sistemas de defesa antimísseis S-400. “Riad desistiu de comprar o S-400 depois que encontrou um substituto, o sistema de defesa aérea americano THAAD”, disse Victor Kladov. Os sistemas de defesa antimísseis THAAD adquiridos pelos sauditas são fabricados pela Lockheed Martin, e estão avaliados em cerca de US\$ 15 bilhões.

DESENCRIPTAÇÃO DE POSSÍVEIS ARMAS AVANÇADAS DO IRÃ

Como dissemos no artigo anterior, as mídias relacionadas ao setor militar iraniano têm falado sobre o Irã adquirir armas avançadas nos últimos tempos.

Se essas armas realmente existem ou se a alegação é direcionada de forma dissuasiva, é questão de debate entre os especialistas, já que Israel às vezes ataca as instalações especiais do Irã.

No entanto, esta segunda possibilidade também está sendo considerada. Mas o que podem ser essas armas se considerarmos a primeira possibilidade?

1. ARMAS A LASER

Uma possibilidade nesse sentido é o uso da tecnologia a laser pelo Irã na produção de armas de alta potência. Sabe-se que armas a laser geralmente são usadas para fins de curto alcance e contra alvos pequenos, como drones. Portanto, os drones furtivos, feitos de materiais compostos para serem evasivos ao radar, leves e capazes de ficar mais tempo voar no ar, são vulneráveis a lasers de alta potência e podem ser destruídos por uma arma a laser.

Dois anos atrás, em relação ao acesso do Irã a sistemas de laser, o vice-ministro da Defesa do Irã disse que, além do fato de que os lasers agora estão sendo usados para rastrear e atingir um alvo com alta precisão, também está usando com objetivos de destruição. Ele acrescentou que o Irã teve bons resultados nesta questão, todos produzidos internamente. Segundo ele, essa capacidade estaria sendo utilizada na proteção de áreas sensíveis e vitais do país, e hoje a vanguarda da tecnologia mundial na área de laser estaria nas mãos de especialistas das Forças Armadas iranianas.

Após esta explicação, nenhuma outra notícia específica foi anunciada sobre as conquistas do Irã neste campo, até que na cerimônia de inauguração das conquistas nucleares deste ano no país, o chefe da Organização de Energia Atômica do Irã apontou para um sistema de laser que é usado para atingir

pequenos drones. No entanto, nenhuma imagem do sistema foi divulgada sob a alegação de problemas de segurança no momento da explicação.

O Irã começou a trabalhar neste campo décadas atrás. Em um relatório exclusivo de 11 anos atrás, o *Christian Science Monitor* afirmou que o Irã usou um laser para desativar um satélite dos EUA: “De acordo com uma fonte de inteligência europeia, o Irã chocou as agências de inteligência ocidentais em um incidente não relatado anteriormente ocorrido em algum momento nos dois anos anteriores, quando conseguiu ‘cegar’ um satélite espião da CIA ao ‘apontar uma rajada de laser com bastante precisão’”.

Três anos depois, conforme reportado pelo *Washington Examiner*, um memorando preocupante do Conselho de Relações Exteriores de Micah Zenko havia indicado que a China e o Irã, sem aviso prévio, estavam prestes a derrubar satélites dos EUA com armas a laser, especialmente os usados pelo Pentágono. No memorando foi dito que havia várias indicações da China, do Irã e da Coreia do Norte sobre um ataque iminente. “Indicadores de alerta sugerem que um evento espacial perigoso está próximo”, foi dito no memorando do conselho.

O memorando afirmava ainda que o Irã, enquanto isso, “realiza uma interferência mais proposital” em satélites dos EUA usando lasers e *jammers*, “Embora essas ações não tenham resultado em danos irreparáveis aos ativos dos EUA”.

2. INSTALAÇÕES DE GUERRA ELETRÔNICA

Além disso, o Irã teve sucesso na inovação de sistemas de interferência eletrônica. Esses sistemas desempenham um papel eficaz na interrupção de radares e drones, e mesmo de aeronaves de reconhecimento e caças a jato operando na região.

A revista americana *Forbes*, em resposta à nova conquista militar do Irã chamada Sepehr 110, escreveu: “O Irã criou um novo sistema de unidade de comando e controle para resistir aos ataques cibernéticos dos EUA”.

Especialistas militares acreditam que os sistemas de guerra eletrônica estão intimamente relacionados às capacidades e conhecimento cibernético. Talvez seja por isso que há muita conversa sobre ataques cibernéticos iranianos contra instalações dos EUA e Israel nos dias de hoje, e especialistas em ciber-ciência consideram que o Irã está no mesmo nível da Rússia e da China nesse campo de conhecimento.

3. ARMAS NUCLEARES

O Irã sob sanções, contando com suas capacidades domésticas e apoio técnico da Rússia, e possivelmente de cientistas paquistaneses, conseguiu ingressar no Clube dos Países Nucleares.

Enquanto isso, as centrífugas de nona geração do Irã estão agora operacionais, e o país tem acesso a urânio enriquecido a 60%. Embora nenhuma evidência clara e confiável da busca do Irã por uma arma nuclear tenha sido publicada até agora, e a Agência Internacional de Energia Atômica tenha confirmado repetidamente no passado a natureza pacífica das atividades nucleares do Irã, alguns especialistas

sugerem que não se ignore essa capacidade. Em palavras simples, essa habilidade pode ser uma das possibilidades mencionadas.



Uma sala de centrífugas iranianas (tasnimnews.com).

É claro que o líder iraniano proibiu a construção e o uso de armas nucleares há quase duas décadas, e todas as autoridades iranianas insistem que as atividades nucleares do país são pacíficas. No entanto, David Albright, presidente do Instituto de Ciência e Segurança Internacional dos EUA, afirma que o Irã atualmente dispõe de urânio enriquecido a 20% e 60% suficiente para produzir pelo menos 45 kg de urânio altamente enriquecido a até 90%. Ele afirmou que isso é suficiente para produzir uma bomba nuclear no curto prazo.



O foguete transportador de satélites iraniano Simorgh em um local desconhecido no Irã, em foto de 30 de dezembro de 2021 (Folheto do Ministério da Defesa do Irã/WANA via Reuters).

Ele ainda não forneceu evidências para essa afirmação, e a produção do urânio necessário é apenas uma das quatro etapas na aquisição de uma arma nuclear.

Mesmo que a afirmação de Albright seja verdadeira, o Irã deveria ser capaz de construir uma ogiva nuclear, produzir mísseis balísticos capazes de transportar uma ogiva nuclear e, finalmente, testá-la. É por isso que Mikhail Ulyanov, principal negociador da Rússia nas negociações de Viena, disse em uma entrevista recente à *Foreign Policy*: “Mesmo que os iranianos produzam uma quantidade significativa de material nuclear, o que eles podem fazer? Eles não terão acesso às tecnologias relevantes por muito tempo.” No entanto, esta é uma alternativa que alguns especialistas não consideram impossível.

Essa possibilidade, importantíssima, será tratada na terceira e última parte deste artigo.

**Hamid Hajizadeh é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em Engenharia Econômica e comentarista em programas de rádio do Irã.*
